



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## O rosto dos charcos

Golgoná Anghel

Para citar este documento / To cite this document:

Golgoná Anghel, "O rosto dos charcos", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 159-164.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

## O rosto dos charcos

Ficámos tanto tempo em silêncio,  
que conseguimos,  
até que enfim,  
confundir-nos com a noite.  
Vínhamos, é certo, de sonhos distintos  
e ainda não tínhamos aprendido a adormecer  
sem que isso não parecesse uma queda no vazio.

Aceitávamos, no entanto,  
que os nossos corpos continuassem um caminho  
para o qual nós não tínhamos explicação.  
Avançavam sozinhos,  
juntando beatas e peros amargos,  
pedras e pedintes em hora cega no entretém das montras.  
Tudo parecia radical e categórico.  
Einstein, é certo, ainda não tinha passado por aí.  
O cão de Pavlov não sabia babar.  
Escusam de tentar calcular o resultado.  
Aí não havia fórmulas.

Trilhados por sombras e caganitas de pombos,  
os contornos das nossas ilusões,  
desenhados com giz  
no asfalto de alguma história ridícula,  
começarão a desbotar lentamente.

Um a um,  
os teus dentes Sensodyne irão largar os sorrisos todos  
assim como as molas libertam a roupa queimada pelo sol.  
A Bimby continuará a triturar, indiferente, por um tempo.  
As cegonhas irão encontrar o caminho de volta para o sul.

Haverá, no entanto, muita coisa a escapar-nos  
de maneira que ficaremos agarrados a tudo.  
Seremos nós e os casinos,  
monstros nocturnos a disputar  
a calmaria dos pântanos:  
breves queixinhas  
a ecoar dentro de máquinas de jogos,  
sacos de fichas  
à procura da sua combinação de sorte.

Estaremos todos cheios de buracos  
mas com a esperança  
de assim respirarmos melhor,  
como os bons queijos  
e os melhores sapatos.

Trinta anos a roçar a cauda  
em salas de espera e caixas de supermercado.  
Meses e meses, a afiar o ouvido ao ritmo de um certo rumor  
nos bolsos, aquele ruído de fundo  
que a miséria aprendeu a trautear nos becos:  
as tripas, os trocos.

Esse tempo todo, senhor doutor, quem diria,  
a viver à superfície, de boca virada para cima,  
mosquitos bêbedos a controlar a respiração  
no rosto dos charcos.

Dia após dia, a arregaçar as mangas e treinar  
o orgulho de sermos menos forma-de-vida  
e mais pão-de-forma,  
lembrando, porém, heróis, construindo impérios,  
para perceber, no fim,  
que, mesmo com mil anos de história,  
há povos inteiros  
que ainda assim  
acabam por  
cair.





Handwritten text in a stylized, cursive script, likely a form of shorthand or a specific dialect. The text is arranged in approximately 20 horizontal lines, written in brown ink on a light-colored background. The characters are highly stylized and repetitive, suggesting a rhythmic or mnemonic structure. The text is partially obscured by the large, dark brown shape on the left side of the page.



**Emerenciano**  
S/ título (2001)  
Acrílico sobre papel  
30 x 21 cm